

EDITORIAL

O ano de 2019 tem sido marcante para a revista *Pólemos*, que publica agora o seu segundo número do ano. Como mencionado em editoriais passados, a renovação e qualificação dos quadros de editores e editoras e pareceristas, o constante esforço e entusiasmo da nossa editora chefe, a Professora *Priscila Rossinetti Rufinoni* e, em especial, a contribuição daqueles e daquelas que confiam nesta revista para o julgamento e divulgação de seus trabalhos, tem colocado a *Pólemos* como uma das principais revistas de filosofia no Brasil. Recentemente, nunca é demais lembrar, alcançamos o nível **B2** na classificação de revistas *Qualis Referência*, para os anos de 2017 – 2018, da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES). Um prêmio a ser comemorado e que servirá de motivação para o aperfeiçoamento da equipe nesta importante tarefa de publicar trabalhos científicos.

Sobre o conteúdo deste número, não poderíamos ter selecionado trabalhos melhores para publicação. Nos últimos meses, o nome do Brasil tomou conta dos periódicos e programas televisivos. Em maio de 2019, comemoramos 100 anos do experimento realizado em Sobral, no estado do Ceará, que confirmou as afirmações da *teoria da relatividade*, de *Albert Einstein*. É altamente dubitável que exista uma figura mais influente no meio científico. Ter seu nome associado ao Brasil, ainda que de forma indireta, é um grande acontecimento e faz com que esta edição da *Pólemos*, recheada de discussões sobre a abordagem científica e conhecimento, ganhe um significado especial e festivo. A qualidade das contribuições deste volume com certeza faz jus ao evento.

Nem tudo, porém, é motivo para comemorar. Existe hoje uma perigosa vontade de afastar o Brasil da ciência (em sentido amplo). O segundo semestre de 2019, que mal começou, já consolida grandes atrasos neste quesito. Primeiro, como também mencionado no editorial do número passado da revista, a atual administração federal manteve a prática de desmonte da pesquisa científica nacional. Cortes orçamentários, intervenções diretas na administração, perseguições e, recentemente, um programa tenebroso proposto pelo Ministério da Educação parece ameaçar o “future-se” da universidade pública. Onde mais haveria pesquisas como as que neste número publicamos, se não na universidade pública?

Além dos ataques às universidades, institutos de pesquisas consagrados pelo seu alto grau de rigor, como a *Fiocruz* e o *INPE*, foram ostensivamente afrontados por simplesmente desempenharem sua finalidade institucional, que é pesquisar. Há um



clima governamental evidente de luta contra a ciência, contra o pensamento livre (e filosófico) e pela volta do obscurantismo, da mentira e dos mitos. Quanto tempo irá durar essa fase, e quão duradouro serão seus efeitos maléficos, é um mistério, mas a filosofia tem como sua tradição desmascarar os mitos. Foi assim na antiguidade e precisamos que seja assim hoje. A *Pólemos* faz agora a parte que lhe cabe divulgando filosofia.

Todos os *Artigos* apresentados neste número tratam essencialmente de filosofia da ciência, teoria do conhecimento e lógica. O primeiro, de autoria de **Luiz Henrique de Moraes Silva**, mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná, traz o questionamento se a posição política de Hume poderia ser considerada conservadora. Ainda sobre Hume, **Elan Moises Marinho da Silva**, graduando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, discute a trajetória seguida pelo referido autor até o “Problema da Indução” e como a questão é articulada por Karl Popper.

O texto de **Allan Freitas Ferreira**, mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Pará, questiona os limites da objetividade e da subjetividade na escolha entre paradigmas na ciência, a partir do pensamento de Thomas Kuhn. Com a discussão acerca da concepção Aristotélica sobre o vazio (*kenon*), **Natan Aparecido da Cunha Esbravilheri**, graduando em filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, explora também o pensamento de Demócrito de Abdera e Leucipo de Mileto e suas concepções sobre a constituição do mundo. O sétimo texto, do doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, **Jefferson Diello Hufferman**, aborda o pensamento de Arthur Pap e sua teoria funcional do *a priori* para analisar o estatuto epistêmico do princípio de inércia de Newton. Já **Ian Salles Botti**, graduando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta os pontos centrais da epistemologia do filósofo contemporâneo Christopher Hookway, que é explicada em conjunto com uma ética. Sob essa ótica que o autor menciona ser “uma mudança de direção”, aborda-se o conceito de conhecimento, critérios de verdade, análise de algumas teses céticas, dentre outros temas específicos.

Os três últimos artigos são sobre lógica e lógica filosófica. O artigo de **Mateus de Carvalho Maia**, que é graduando em filosofia também desta universidade, demonstra rigor em tratar de um tema difícil em lógica de primeira ordem, que é as diversas incursões na noção de infinito. O artigo tem teoremas de difícil compreensão e importantíssimos para a lógica moderna e que não são encontrados facilmente em língua portuguesa, como é o caso do teorema do ponto fixo. O artigo de **Eric Bitencourt Santana**, graduando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, tem qualidades semelhantes:



trata de lógica deôntica, tema pouco abordado no Brasil, mas que possui desafios tremendos na sua conexão com a filosofia prática. O texto consegue, por exemplo, explicar algumas peculiaridades sobre os dilemas morais, uma questão importante para ética formal. Por fim, em “O problema lógico do mal”, trabalho de **Gabriel Reis de Oliveira**, mestrando em Lógica e Metafísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, temos uma análise competente de problemas que cercam a existência de Deus, liberdade e o mal. Apesar de ser um tema conhecido na filosofia medieval, o autor consegue situar de maneira muito didática como esses três conceitos são tratados dentro da filosofia analítica, situando-os em um registro de desenvolvimento mais recente.

Na seção **Ensaio**, de autoria de **Matheus Sarmiento** e **Wagner Ferreira Sarmiento**, da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, respectivamente, os autores dedicam-se a resgatar alguns argumentos de Berkeley sob a ótica de filosofia mais recentes, como a de Wittgenstein. Um trabalho sempre necessário, uma vez que Berkeley sempre foi deixado de lado na disputa entre os “idealismos” na filosofia moderna. Temas como Deus, teoria do conhecimento e linguagem são abordados. Fechando o número, o ensaio **O crepúsculo da representação na prática científica**, do graduando desta universidade, **João Victor de Farias e Nascimento**, trata da relação do cientista e seu objeto, no seu trabalho representacional, abordando questões importantes, como critérios de verdade, com especial atenção na perspectiva e reflexões de Ian Hacking.

A capa é uma foto de **Eugène Atget**, intitulada de **Photographer's Studio**, de 1910. Apelidado de *flâneur* pelos seus pares, o artista francês fotografou de uma maneira diferente a *vieux Paris* das primeiras décadas do século XX.

Gregory Carneiro

Editor Associado

Verônica de Sousa Maciel

Editora Associada

Priscila Rossinetti Rufinoni

Editora Chefe Responsável

